

DE MINAS PARA O MUNDO: A REVISTA VERDE E AS INTERAÇÕES LITERÁRIAS NO MOVIMENTO MODERNISTA

Vanessa Coutinho Martins¹

Resumo

No ano em que é comemorado o centenário da Semana de Arte Moderna, Luiz Ruffato nos apresenta com uma obra que contém um levantamento histórico de uma das revistas literárias modernistas mais importantes para o país. Ruffato apresenta um detalhamento sobre a “Revista Verde” (1927-1929), desenvolvida na pequena cidade do interior de Minas Gerais chamada Cataguases. Reunindo autores da própria cidade e região, a revista também contava com a colaboração de grandes nomes da literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade. A “Verde”, além de difundir conteúdos de cunho modernista rompendo padrões europeizados, proporcionou interações literárias por meio de cartas com indivíduos de outros países como Chile, Argentina e França, provando que fora do eixo Rio-São Paulo também era produzido conteúdo de qualidade.

Palavras-chave

“Revista Verde”, modernismo, interação literária.

Abstract

In the year in which the centenary of the Week of Modern Art is celebrated, Luiz Ruffato presents us with a book that contains a historical survey of one of the most important modernist literary magazines for the country. Ruffato presents a detail on the magazine called “Revista Verde” (1927-1929), produced in the small town in the interior of the state Minas Gerais (Brazil) called Cataguases. Bringing together authors from the city and region, it also had the collaboration of great names in Brazilian literature, such as Carlos Drummond de Andrade. In addition to disseminating modernist content breaking Europeanized standards, the magazine provided literary interactions through letters with individuals from other countries such as Chile, Argentina and France, proving that good content was also produced outside Rio and São Paulo.

Keywords

“Revista Verde”, modernism, literary interaction.

¹ Doutoranda e Mestra em Comunicação pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). É integrante do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF) e bolsista de pós-graduação (CAPES). E-mail: vanessacoutinhomartins@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0564432192518293>

Luiz Ruffato, escritor cataguasense, nos brinda com sua obra “A revista Verde, de Cataguases: contribuições à história do Modernismo” (2022). A publicação foi organizada em comemoração aos 100 anos da Semana de Arte Moderna e dá continuidade a um trabalho que vem sendo desenvolvido há muito pelo autor. Ao incluir no título da obra o nome da cidade a qual a revista se originou, a cidade de Cataguases, Ruffato confere destaque à pequena cidade do interior de Minas Gerais que ficou conhecida mundo afora através da revista. Fato que, para muitos, segue sem explicação. Dessa forma, nada mais justo e significativo do que iniciar o livro falando sobre essa localidade.

No primeiro capítulo, intitulado “Por que Cataguases?”, o romancista se dedica a discorrer sobre a cidade com foco no período de desenvolvimento da revista, que ocorreu entre os anos de 1927 e 1929. Segundo pesquisas do autor,

A cidade não possuía, em 1927, nem 3.500, nem 5 mil habitantes, mas 16 mil pessoas apenas na sede do município, distribuídos em 1.300 casas construídas em 30 ruas, servidas de rede de água e esgoto e iluminação elétrica, economia baseada na indústria têxtil, variado comércio, invejável sistema educacional e ligação direta com o Rio de Janeiro pela estrada de ferro - só para termos uma ideia, à mesma época, Belo Horizonte [MG] contava com 110 mil habitantes (RUFFATO, 2022, p. 26).

O ciclo cinematográfico que também ocorreu nessa pacata cidade mineira, contemporâneo ao movimento literário aqui descrito, igualmente é considerado como um “fenômeno inexplicável”. Em 1927, mesmo ano de início das atividades da “Revista Verde”, Humberto Mauro, um dos pioneiros do cinema brasileiro, lança o filme “Tesouro Perdido”, que daria início à visibilidade em grande escala das produções cataguasenses e do cineasta. “Ganga Bruta”, de 1933, outra produção de Mauro, é ainda hoje constantemente citado entre os 20 melhores filmes de todos os tempos do país. Esse reconhecimento, segundo Ruffato, porém, não acontece com a “Verde”.

Tal apontamento do autor não deve ser considerado apenas no meio acadêmico. Mesmo sendo uma pequena cidade, a famosa revista não é de conhecimento de grande parte de seus moradores, embora possua fácil acesso para consulta. A maioria da população nem ao menos conhece o que foi a Semana de Arte Moderna. A elite cataguasense é praticamente a detentora desse conhecimento; o que julgamos curioso, já que esse fato acaba sendo um reflexo dos movimentos políticos e econômicos do país.

No segundo capítulo, intitulado “O café e o algodão”, somos apresentados ao cenário em que as bases econômicas da cidade foram desenvolvidas. As figuras atreladas à indús-

tria de tecidos e produção cafeeira também são indicadas, já que são responsáveis pelo desenvolvimento da cidade no século XIX. Em nota de rodapé, o autor destaca que, devido à ferrovia, instalada em 1877 na cidade, Cataguases se tornaria uma espécie de centro de acolhimento de intelectuais que estavam fugindo da repressão política durante o governo de Floriano Peixoto, em 1893.

Destacamos que o autor, por ser cataguasense, conhece diversos aspectos da cidade e de seu desenvolvimento cultural e econômico, tendo propriedade para abordar e até mesmo criticar os sistemas que regiam e até hoje regem sua ordem de produção e disseminação. Ruffato foi, inclusive, operário de uma indústria têxtil da cidade e mesmo não residindo mais em Cataguases, segue escrevendo crônicas sobre sua terra natal no jornal “El País”.

No terceiro capítulo, intitulado “1922”, descreve a conjuntura cultural anterior ao surgimento da “Verde”, a partir da apresentação do contexto do país em 1922. Nesse ano, o país comemorou 100 anos de sua independência. Além disso, ocorreu a celebração do fim da Grande Guerra e da gripe espanhola. Diante de tamanha euforia, “o futuro apresentava-se como um radioso espaço de liberdade individual, desenvolvimento econômico e progresso tecnológico” (RUFFATO, 2022, p. 47). Assim, é nesse contexto que ocorre a Semana de Arte Moderna.

Financiada pela elite envolvida em atividades cafeeiras em São Paulo, o evento, realizado entre os dias 11 e 17 de fevereiro de 1922, tinha como objetivo a incorporação do nacionalismo. Sua programação consistiu de atividades com exposições de arquitetura, escultura, pintura e leitura de poemas. De acordo com Ruffato, como uma extensão da Semana de Arte Moderna, ocorreu o surgimento da revista “Klaxon: Mensário de Arte Moderna”, revista com raízes no estado de São Paulo, que durou nove edições. O estado do Rio de Janeiro não ficou para trás e, três meses depois, surgiu a “Árvore Nova: Revista do Movimento Cultural do Brasil”, que durou quatro números.

Para Ruffato, essas duas revistas marcaram, de uma certa forma, os rumos aos quais o movimento modernista iria percorrer no Brasil, pregando o nacionalismo e o rompimento com o passado e a dependência das estéticas europeias nas produções. Porém, essas não foram as únicas revistas criadas com esses ideais, tendo surgido diversos veículos impressos em todo o país. O livro não fornece detalhes sobre essas outras mídias impressas, mas apresenta a “Verde”, seus autores e a cidade de Cataguases, proporcionando ao leitor um generoso panorama sobre esse movimento.

A introdução das bases que contribuíram para a formação da revista é exposta no capítulo “Antes da Verde”. Nele, somos apresentados ao Grêmio Literário Machado de Assis, organização responsável por uma das influências ideológicas dos criadores da revista. Sobre

o grêmio, Ruffato afirma que “[...] meninos e rapazes se exercitavam de várias formas, lendo trabalhos próprios e alheios, fazendo “crítica” (a que se pode imaginar) e declamando o que nem sempre se casava com o tom parnasiano gloriosamente reinante.” (RUFFATO, 2022, p. 60). Há que se considerar que as interações literárias que ocorriam no grêmio foram relações dinâmicas entre os alunos através de mediação dos professores, proporcionando processos de transformação comunicacional e intelectual.

No capítulo cinco, intitulado “O cinema e a literatura”, Ruffato mostra ao leitor como a literatura caminhou junto com o cenário cinematográfico, principalmente a partir de Humberto Mauro. É interessante notar, contudo, que havia um certo descompasso entre o cineasta e os integrantes do grupo “Verde”. O cinema era considerado pelos literatos apenas como algo para o divertimento, porém, a produção de filmes acabou trazendo uma nova dinâmica para a pequena cidade do interior. A partir da contratação de atores e técnicos de fora, Cataguases era constantemente mencionada nos jornais como a “Hollywood brasileira”. Segundo Ruffato,

[...] havia debates após as sessões; tudo isso demonstra que, ainda que indiretamente, a proposta do cinema nacional preconizada por Humberto Mauro veio a influenciar decisivamente o grupo que iria editar a revista Verde. Se isso não ocorreu no nível formal - também porque nem o próprio Mauro possuía ainda uma proposta formal de cinema -, pelo menos no nível das ideias houve um entrelaçamento (RUFFATO, 2022, p. 81).

Em “O surgimento da Verde”, o autor inicia o capítulo deixando claro que a revista não era o único veículo impresso de literatura modernista que circulava na época no país, porém, “Verde” apresentava uma diversidade na linha editorial que a diferenciava das demais. Com uma tiragem de 500 exemplares em sua primeira edição, foi considerada a melhor revista literária moderna do Brasil. Seu núcleo original contava com Henrique de Resende, Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino César, Antônio Martins Mendes, Camilo Soares, Oswaldo Abritta e Christophoro Fonte-Boa. Além disso, contava com apoio de grandes nomes como Antônio de Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, entre outros.

Além disso, os rapazes responsáveis pela revista recebiam cartas de diversos países, não apenas da América Latina, mas até mesmo da Europa. O conteúdo era de leitores ávidos por novas publicações, sugestões e inquietações. Percebe-se que, dessa forma, ocorria a interação social entre a revista e seu público leitor, já que os textos tratavam também de questões cotidianas da população, denunciando condições sociais e políticas. Ademais, representava a fala das pessoas pertencentes às camadas populares dando-lhes valor e destaque.

Essas interações literárias a partir de cartas são entendidas por nós como um comportamento natural perante as narrativas de uma forma geral. Segunda a pesquisadora e professora no departamento de Comunicação da PUC-Rio, Vera Follain Figueiredo, cabe ao leitor estabelecer o fechamento das narrativas, já que elas não se comportam da maneira que o leitor gostaria que se comportassem (FIGUEIREDO, 2010). Dessa forma, as interações com essa mídia impressa cataguasense acarretaram a “diluição das fronteiras entre autores e públicos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 13), quebrando os padrões hierárquicos comumente estabelecidos em que o autor é rodeado por uma espécie de aura que o distancia do público.

Logo, a “Verde”, já nos anos de 1920, oferece uma espécie de mediação literária ao selecionar conteúdo do público em constante interação com seus produtores. Figueiredo (2010, p. 14-15), ao tratar sobre as migrações narrativas, nos apresenta algo relevante para a presente produção. Segundo a autora, “cada vez mais o texto vai deixando de ser considerado como obra fechada em si, para ser visto a partir de suas conexões no interior de uma ampla rede formada por inúmeros outros textos”. Compreendemos, com isso, que existe a possibilidade de novos rumos pelo sujeito que lê, sendo a literatura um instrumento de comunicação e de interação social.

No penúltimo capítulo, intitulado “Nacionalismo e liberdade de expressão”, o leitor é apresentado mais a fundo sobre os propósitos originais da revista. A intenção de seus criadores era de “Abrasileirar o Brasil”. Segundo o manifesto divulgado em uma espécie de panfleto na cidade, dentre suas bases estavam o trabalho independente de outros grupos literários e a não ligação com o estilo literário dessas outras rodas.

Ruffato finaliza sua obra com o capítulo “A morte da Verde, e depois”. Apesar da finalização da revista ser atribuída à morte de Ascânio Lopes, um dos criadores, problemas financeiros rondavam a publicação, principalmente pela baixa adesão dos anunciantes. Assim acaba a “Verde”. “Cumprida sua função, a de servir como órgão de divulgação das novas ideias modernistas num momento em que praticamente não havia um canal de expressão adequado nos grandes centros, a revista já não tinha mais razão de existir” (RUFFATO, 2022, p. 133).

Um de seus integrantes, Francisco Inácio Peixoto, revelou intuito de reviver a revista, no início dos anos 1940. Não obtendo sucesso, a revista encerraria definitivamente um ciclo que influenciou uma geração inteira com postulados nacionalistas que atravessaram as fronteiras do estado de Minas Gerais e correram mundo afora. Se Cataguases realmente é um fenômeno inexplicável não sabemos informar, mas uma coisa é certa: os rapazes responsáveis pela “Revista Verde” certamente fizeram história.

Referências

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas migrantes: Literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio: 7 letras, 2010.

RUFFATO, Luiz. **A revista Verde, de Cataguases: contribuição à história do Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.